

Poemar no virtual: proposta de uma oficina online como ponte entre as pessoas em meio à pandemia

Poema en el medio virtual: propuesta de un taller en línea como puente entre personas durante la pandemia

Poem in the virtual medium: proposal for an online workshop as a bridge between people during the pandemic



Vanessa Garcia¹

Agda Baracy Netto²

Darlina Sidiclea França³

Resumo: O presente artigo relata a experiência de uma oficina *online* desenvolvida durante o X Colóquio Internacional Leitura e Cognição, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Inspirada pelos poemas da obra *Cada Coisa*, foi proposto um novo olhar sobre os objetos do cotidiano, repensados a partir do contexto pandêmico e que pudessem ser compartilhados através de ferramentas virtuais. Através da aproximação entre teoria e prática, permitiu-se a reflexão sobre o agir poético e seus desdobramentos.

Palavras-chave: Oficina; Poesia; Pandemia; Ferramentas virtuais.

¹ Graduada em Produção em Mídia Audiovisual pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Mestranda em Letras pela mesma universidade.

² Mestrado em Letras, bolsista CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2012). Atualmente, é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), bolsista CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

³ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria (2012) e graduação em Letras Português/Inglês pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2009). Mestrado em Letras (Bolsista Capes) em andamento na Universidade de Santa Cruz do Sul.

Resumen: Este artículo relata la experiencia de un taller *online* desarrollado durante X Colóquio Internacional Leitura e Cognição en la Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Inspirándose en los poemas de la obra *Cada Coisa*, se propuso una nueva mirada a los objetos cotidianos, repensados desde el contexto de la pandemia, y que pudieran ser compartidos a través de herramientas virtuales. Mediante la aproximación entre la teoría y la práctica, se permitió la reflexión sobre la acción poética y sus consecuencias.

Palabras clave: Taller; Poesía; Pandemia; Herramientas virtuales.

Abstract: This article reports the experience of an online workshop developed during the X Colóquio Internacional Leitura e Cognição, at the Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Inspired by the poems of *Cada Coisa*, a new look at everyday objects was proposed, , rethought from the pandemic context and that could be shared through virtual tools. Through the approximation between theory and practice, it was possible to reflect on poetic action and its consequences.

Keywords: Workshop; Poetry; Pandemic; Virtual tools.

1 Introdução

Ao vivermos uma situação de isolamento sem precedentes, devido à pandemia do Covid-19, diversas foram as transformações, voluntárias ou não, relacionadas à educação. Entre aulas, reuniões, seminários e congressos desenvolvidos em formato *online*, professores e alunos tiveram que se adaptar ao espaço virtual para manter os laços profissionais e sociais. Nesse contexto, o avanço tecnológico e o desenvolvimento de plataformas digitais específicas para esse uso foram fundamentais a fim de garantir a continuidade da formação de acadêmicos, educadores e pesquisadores, mesmo com alguns obstáculos que precisaram ser contornados no decorrer do processo.

Entre os problemas enfrentados durante a mudança do modo presencial para o virtual, podemos destacar o acesso à internet, a dificuldade em lidar com as novas ferramentas e, principalmente, a privação das relações sociais. Embora serviços como o

Whatsapp e o *Google Meet* possibilitem aos interlocutores ver, ouvir e compartilhar apresentações e documentos, o contato físico e as interações face a face ainda são acontecimentos que jamais serão substituídos pela intermediação tecnológica.

Inicialmente, a adequação a esse formato comunicacional enfrentou certa resistência da sociedade, resultando em uma nova maneira de nos relacionarmos com o nosso entorno. O ambiente de descanso, agora também de trabalho, os objetos particulares e os vínculos interpessoais ganharam novos contornos, sendo ressignificados no contexto vivido. O olhar para o mundo exterior passou a ser delimitado por molduras, telas e janelas através das quais buscamos assimilar o período incomum enfrentado.

Ao refletirmos sobre o panorama atual, ponderando também a abreviação das distâncias sociais e econômicas sobre as quais a educação vem se debruçando há muito tempo, surgiu a ideia de uma oficina que unisse a teoria e a prática dos ambientes escolares, aproximando-a dessa nova realidade. Ao se propor a um grupo uma ação, espera-se, obviamente, reações diversas nesse caminho percorrido por muitos. Daí a importância, no contexto contemporâneo, de compreender os meios digitais como pontes entre as pessoas e não como obstáculos.

A partir dessa nova concepção de “estar junto”, pensamos na oficina intitulada *Objetos na janela: construção poética ressignificando o cotidiano na pandemia com o uso de ferramentas virtuais*. A atividade foi desenvolvida durante o X Colóquio Internacional Leitura e Cognição, que aconteceu juntamente com IV Simpósio Internacional de Leitura, Literatura e Mídia, a XXI Semana Acadêmica de Letras e o I Encontro de Pesquisadores em Intermidialidade, todos promovidos pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Ao apresentar o tema geral de “(Inter) Conexões em transformação: Culturas, linguagens e mídias em um indizível mundo novo, o evento, promovido de forma virtual através do *Google Meet*, possibilitou refletir sobre diversas questões da atualidade, tornando-se um local propício para a proposta da oficina.

Lembramos, aqui, a força da oficina nesse processo tão íntimo relacionado ao fazer pedagógico. Para Paviani e Fontana (2009, p.78), “numa oficina ocorrem apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva.” Já Cuberes apud Vieira e Volquind (2002, p. 11) conceitua a oficina como sendo “um tempo e um espaço para aprendizagem; um processo ativo de transformação recíproca entre sujeito e objeto; um caminho com alternativas, com equilíbrios que nos aproximam progressivamente do objeto a conhecer”. Dessa forma, é fundamental que as

oficinas continuem sendo oferecidas, mesmo durante a pandemia, pois, a partir da troca de experiências, surgem as possíveis modificações no fazer diário de um educador.

As práticas sempre levaram em conta a relação com o outro e a troca entre percepções e ideias diferentes, e desenvolvê-las em um ambiente virtual está longe (ou, pelo menos, estava) de ser confortável para os envolvidos. Para que a interação pretendida numa oficina aconteça de forma proveitosa, é preciso que as pessoas estejam à vontade para se expor e dividir suas experiências – o que pode ser afetado pelo contato mediado por telas. Desse modo, planejamos uma abordagem que, desde o início, envolvesse os participantes, de maneira que o tema central, a poesia, pudesse ser compartilhado naturalmente durante a oficina.

2 Oficina como experiência: criação de poemas através da ressignificação dos objetos

A proposta da oficina *Objetos na Janela* foi proporcionar uma nova percepção acerca do mundo contemporâneo, dentro do contexto pandêmico, de modo a ressignificar o ambiente e os objetos que já faziam parte da vivência cotidiana de cada um. Voltada aos professores e acadêmicos de licenciaturas, o objetivo era indicar caminhos para que eles pudessem desenvolver uma atividade envolvendo o poema e a sua realidade pessoal, ao mesmo tempo em que refletissem sobre o período atual. O planejamento também envolveu a sugestão de uma ferramenta virtual que pudesse ser utilizada pelo educador e pelo aluno, auxiliando na criação e divulgação dos trabalhos realizados.

A “janela”, que compõe o título, faz referência à abertura pela qual tivemos que filtrar o mundo exterior durante o isolamento social. Essa moldura proporcionada pela janela de casa, ou pelas telas, direcionou nosso olhar a uma imagem delimitada, apenas aquilo que era possível ver através delas. Ao restringirmos nossa visão, pudemos focar nos detalhes, repensarmos o significado e a importância das coisas com as quais convivemos por muito tempo e havíamos relegado ao modo automático, a uma percepção superficial e simplista.

Assim, a partir da obra *Cada Coisa* (2016), de Eucanaã Ferraz, sugerimos outro olhar sobre objetos presentes no cotidiano familiar e na intimidade, agora também profissional. Poeta, ensaísta e professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFJR), o autor possui diversos livros publicados de poesia e histórias

infantojuvenis, sendo reconhecido internacionalmente pela qualidade de seus textos. Em *Cada Coisa*, Eucanaã produz uma poesia lapidada, determinando cada vocábulo com maestria, sem exageros, a partir da escolha consciente e controlada das palavras.

A obra apresenta em torno de sessenta e seis poemas, dispostos em ordem alfabética, tendo como temática central objetos do nosso cotidiano, como o alfinete, a lâmpada, o sapato, a vassoura, o prego, dentre outras coisas. Acreditamos que uma das justificativas para a produção deste volume seja também um dos versos do poema “Coisando”, em que Eucanaã poetiza que “as coisas fazem cócegas nos olhos” (FERRAZ, 2016, p. 41). E, por fazerem cócegas, suscitam a escrita – algo que vai ao encontro da nossa proposta temática.

No livro, o autor permite-se observar o mundo à sua volta e tenta, por meio da palavra poética, escutá-lo, indo além do olhar passivo e percebendo o entorno (GREMSKI, 2016). Conforme Gremski (2016):

A escuta acontece a partir de um olhar ativo, que busca captar aquilo que não é dito através do trabalho que faz com as imagens, trabalho este que é parte intrínseca na obra do poeta carioca. É a partir dessa escuta que podemos perceber mais claramente de que maneira um olhar não apenas atenta-se para o entorno, mas o sente, cria um laço com ele – um ressoa no outro – e pode, assim, passar a experiência para a palavra poética (GREMSKI, 2016, p. 156).

As coisas que passam despercebidas aos nossos olhos são observadas de forma singular por Eucanaã, ultrapassando sua camada superficial. Os objetos com os quais nos deparamos no cotidiano adquirem outros sentidos, e seus formatos, cores e usos passam a ter diversas conotações nas poesias do autor. Outra particularidade da obra é o adensamento da questão visível, isto é, a harmonização entre a poesia e a arte visual. Tais características, tão pertinentes ao tema central da oficina, foram decisivas para a seleção de alguns textos utilizados para a sua realização.

Entretanto, para proporcionar um espaço de escuta sensível que a poesia exige, foi necessário pensarmos em formas de contornar as possíveis barreiras geradas pelo meio digital. Conforme já abordamos, a conversação mediada através das telas tende a se tornar mais formal e objetiva, além de causar intimidação àqueles que falam e se tornam, momentaneamente, o foco das atenções. Por isso, consideramos fundamental criar um ambiente de acolhimento desde o primeiro contato com os inscitos, contribuindo para uma maior abertura dos participantes, indispensável ao fazer poético.

Conforme a oficina foi sendo divulgada, acabamos recebendo inscrições de pessoas que não eram professores, mas que também possuíam relação com o ambiente escolar e acadêmico. Dessa forma, elaboramos uma carta-convite, que foi enviada através de *e-mail*, convidando a todos, sem fazer alusão diretamente ao objetivo principal voltado aos educadores, mas ainda mantendo a ideia original de refletir sobre o fazer poético e o momento pandêmico. A ideia inicial foi recebê-los calorosamente, de modo a perceberem que eram importantes para o desenvolvimento de uma proposta que levava em consideração o estar, o olhar e o agir.

Junto com o convite, solicitamos aos inscritos que enviassem a foto de um objeto que se tornou especial ou que adquiriu novo significado durante o período de isolamento e de trabalho em casa. Assim, ao mesmo tempo em que utilizamos esse espaço para iniciar uma rede de acolhimento, também conseguimos fazer com que os envolvidos se engajassem na proposta que seria melhor desenvolvida durante a oficina. Algumas fotos vieram acompanhadas de explicações sobre os motivos pelos quais tinham sido escolhidas, assim como de alguns breves relatos que ajudaram a estabelecer um maior grau de intimidade com os participantes.

Dado o primeiro passo de aproximação, no dia da oficina, nossa fala inicial deixou clara a ideia de estarmos no mesmo lugar, tanto espacial como pessoal. Embora proponentes, naquele momento não éramos nem mais, nem menos importantes dentro daquele ambiente, e este seria um lugar de fala, de escuta e de conforto. Sobre isso, lembramos as palavras de Paviani e Fontana (2009), ao esclarecerem o papel de um mediador em oficina:

O professor ou coordenador da oficina não ensina o que sabe, mas vai oportunizar o que os participantes necessitam saber, sendo, portanto, uma abordagem centrada no aprendiz e na aprendizagem e não no professor. Desse modo, a construção de saberes e as ações relacionadas decorrem, principalmente, do conhecimento prévio, das habilidades, dos interesses, das necessidades, dos valores e julgamentos dos participantes. (PAVIANI; FONTANA, 2009, p. 3).

Após a apresentação da proposta inicial, que destacou o sentido da janela, partimos para a leitura das poesias escolhidas do livro *Cada Coisa*. A observação criteriosa do autor sobre “coisas” vai ao encontro da ressignificação de objetos durante o período pandêmico. Exemplificando, uma xícara é, para muitos, um objeto singelo, sem

importância. Todavia, para alguém, ela pode se tornar a lembrança de um amigo, a memória de um encontro alegre, ou até mesmo, a superação de um momento difícil.

Dessa forma, os objetos podem estar carregados de experiências. Conforme aponta Larrosa (2020, p.68), a experiência é algo único, individual, uma vez que ela é “o que nos acontece, não o que acontece, mas sim que nos acontece”. Assim sendo, “o acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida” (LARROSA, 2020, p. 32); ela pode efetivar-se durante a ação, porém, ela só acontece se houver paixão.

Nesse sentido, a oficina propôs compartilhar “objetos experiências” que foram ressignificados durante o período da pandemia. Objetos que deixaram de ser “informação” e se transformaram em algo significativo para os participantes. Objetos que possuem uma história, compartilhada com todos, por meio de uma conversa descontraída, mas ouvida respeitosamente, pois é parte de uma vida, logo, carregada de sentido. A oficina proporcionou um momento de interrupção, uma parada, uma experiência. Como afirma Larrosa (2020),

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2020, p.25).

Como já mencionado, nossa interrupção foi mediada pelo livro *Cada Coisa* (2016), de Eucanaã Ferraz. O primeiro poema apresentado na oficina está relacionado com a temática do encontro, a “Janela”. O sujeito poético estabelece uma analogia entre a janela e o amor, visto que ambos são aberturas para a entrada e a saída da luz e do ar (FERRAZ, 2016). Versos brancos que nos possibilitam refletir sobre a grande metáfora que foi a janela durante a pandemia, uma abertura, uma possibilidade, um meio de contato com o mundo externo, mas sobretudo, o local da partilha de sorrisos, de olhares, de esperança.

A pandemia nos tirou muito: empregos, viagens, oportunidades, amigos, familiares, nos tirou a liberdade, ficamos enjaulados, ou melhor, engaiolados em nossos

lares. O texto sobre “Gaiola” também foi evidenciado na poética de Eucanaã, fazendo a analogia com o momento de isolamento social no qual nos sentimos “presos”. É sob um olhar passivo, tal qual nos encontramos nesse período, que o sujeito da experiência descreve esse objeto; todavia, o eu-lírico mostra-se, ao mesmo tempo, carregado de paixão. Conforme Larrosa (2020),

O sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (LARROSA, 2020, p. 25).

Eucanaã dispõe de paixão, abre-se ao novo e permite adentrar no poético. Aqui, o poético remete ao que nos apresenta Valéry (2011), relacionado ao radical grego *poiéin*, um fazer, um agir sobre o mundo. O poeta age sobre cada coisa e ao vocalizarmos/lermos o poema agimos, reescrevendo-o a partir das imagens que brotam das experiências vivenciadas por nós. Em “Gaiola”, o eu poético afirma que para falar ou escrever sobre esse objeto é necessário estar dentro dela (da gaiola), sentir-se preso, privado de liberdade, “ver a vida sem vivê-la, como um brinquedo quebrado” (FERRAZ, 2016, p. 61), o que nos remete diretamente ao contexto vivido em 2020, durante a pandemia.

A partir desses textos, encorajamos os participantes a apresentarem seus objetos e dividirem os motivos pelos quais escolheram determinados itens. Para incentivá-los, iniciamos a sessão de conversa, fazendo o mesmo percurso proposto aos demais. Todo esse ciclo, desde a acolhida através da carta-convite, da postura mantida por nós enquanto iguais e do compartilhamento de nossas próprias percepções convergiu em um momento de cumplicidade entre os envolvidos, facilitando a participação ativa de todos.

Enquanto conversávamos sobre os objetos, propusemos a atividade de criação de poemas, a qual chamamos de “Poemar”. Ao estimularmos a fala e a escuta, em conjunto com o apelo visual, acrescentado pelas fotos trazidas e pelo material elaborado para a oficina, proporcionamos meios para que o grupo desenvolvesse sua própria escrita. Os exemplos retratados nos textos de *Cada Coisa*, assim como a vocalização desses poemas serviram como ponto de partida para que abstraíssemos a poeticidade das palavras utilizadas, que tentam decifrar os detalhes implícitos, tornando o verso algo que vai além

do simples ato de comunicação, algo que invade a essência do ser humano, o arrebatava e o transformava.

Para encerrar a oficina, vocalizamos o poema “Coisando”, ainda do livro de Eucanaã Ferraz. O texto, que trata de um menino que gostava de “coisar” as coisas, pois elas faziam “cócegas em seus olhos”, reitera o que foi experienciado durante a atividade proposta. Ao afirmar que “os olhos sabem de tudo” (FERRAZ, 2016, p. 41), o autor nos motiva a reinterpretar o mundo ao nosso redor, para além da primeira mirada. Em duas breves estrofes, em que a musicalidade advém das rimas internas e externas, somos convidados, mais uma vez, a refletir sobre a experiência, pois esta se origina da transposição da barreira da superficialidade, tanto das coisas, quanto dos acontecimentos.

3 Novas janelas através do uso de ferramentas virtuais

Ao enfocarmos o período pandêmico e a consequente virtualização do espaço ocupado por professores e demais participantes do meio escolar e acadêmico, devemos considerar também as ferramentas digitais envolvidas nesse processo. Sem as plataformas virtuais, a continuação das atividades de ensino seria praticamente impossível. Mesmo com a desigualdade no acesso à internet⁴, a contribuição da tecnologia para o desenvolvimento da Educação é um fator inquestionável.

Nesse contexto, a ressignificação dessas ferramentas foi pensada de forma a contribuir para o desenrolar das atividades trazidas na oficina. Da mesma forma que os objetos adquiriram novos sentidos e novos usos, também os meios digitais foram readequados a essa nova forma de ver e viver a vida, a partir do isolamento. O *Instagram*⁵, por exemplo, mais do que uma rede social, tornou-se um mecanismo contemporâneo de registro da História, e as fotos postadas serviram para documentar os momentos cotidianos vivenciados na pandemia.

Antes do encerramento da oficina, foi proposto aos participantes que compartilhassem suas produções. Esse momento foi sugerido de maneira que se mantivesse dentro da experiência de acolhimento proposta durante toda a atividade. Os

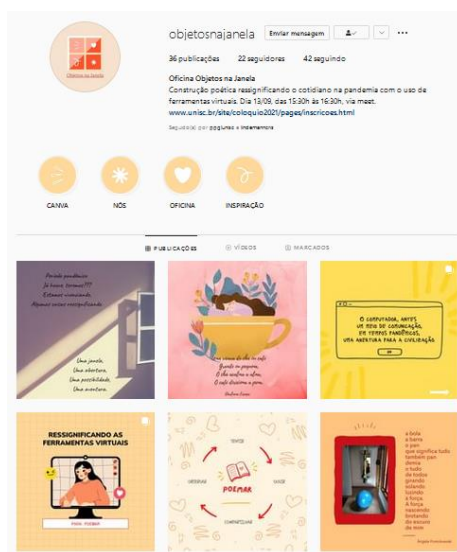
⁴ Conforme pesquisa do IBGE, em 2019 cerca de 4,3 milhões de estudantes em todo o país não tinham acesso à internet. Disponível em: <<https://brasilpaisdigital.com.br/pesquisa-do-ibge-revela-que-41-milhoes-de-estudantes-da-rede-publica-nao-tem-acesso-a-internet/>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

⁵ Rede Social *online* de compartilhamento de fotos e vídeos. Disponível em: <<https://www.instagram.com/>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

participantes que se sentissem confortáveis poderiam ler os poemas em voz alta ou, ainda, escrevê-los no *chat* disponível na plataforma utilizada, no caso, o *Google Meet*. Como a atividade teria um último diálogo sobre o uso de ferramentas virtuais em conjunto com os poemas, pudemos aproveitar os exemplos compartilhados para realizar na prática essa demonstração.

Os poemas foram transformados em postagens, utilizando a ferramenta *Canva*⁶ a fim de organizar as fotos e os textos. Em seguida, elas foram disponibilizadas no *Instagram*, através de um perfil⁷ criado previamente para ser utilizado durante a oficina (Figuras 1 e 2). Embora a organização na rede social tenha sido feita pelos proponentes da oficina, as sugestões dos aplicativos utilizados foram apresentadas aos participantes, de modo que pudessem vislumbrar as possibilidades a partir desses mecanismos e, por conseguinte, de outros similares.

Figura 1: Perfil da oficina criado para a disponibilização dos poemas.



Fonte: Perfil @objetosnajanela, no *Instagram*⁸

Figura 2: Poema produzido durante a oficina, transformado em postagem de rede social através do *Canva*.

⁶ Aplicativo digital de *design* gráfico que permite a criação de postagens de mídias sociais, apresentações, entre outros conteúdos. Disponível em: <<https://www.canva.com/pt-br/>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

⁷ Disponível em: <<https://www.instagram.com/objetosnajanela/>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

⁸ Disponível em: <<https://www.instagram.com/objetosnajanela/>>. Acesso em: 28 jan. 2022.



Fonte: Perfil @objetosnajanela, no *Instagram*⁹

Dessa forma, além de funcionar como mural digital, a plataforma possibilita uma navegação hipertextual, que estende o alcance não só do material escrito em si, mas, principalmente, de uma rede de significações capaz de se multiplicar infinitamente no universo *online*. Nesse sentido, Dal Molin (2003) pontua que:

[...] por meio de palavras ou imagens o homem se faz inventor de símbolos que transmitem ideias complexas sob novas formas, porque a rede de significações que se entretete ao contacto com os signos é imensa e preme de novos significados e novas teias emaranhando-se entre si. É como se tivéssemos uma infinidade de nós do campo semântico ou da rede a que estamos vinculados pela nossa história de vida pessoal e histórico-social. Nas redes hipertextuais diferentes atores de um mesmo ato comunicativo colocam em cena diferentes sentidos que lhe são idiossincráticos, mas que irão, ao contexto geral enriquecer de significações o que foi dito, formando assim uma rica pluralidade de acontecimentos, compondo um coro de muitas vozes que quebram a concepção da unicidade da palavra [...] (DAL MOLIN, 2003, p. 56).

Logo, indo ao encontro da reflexão principal debatida durante a oficina, podemos inferir que o *Instagram* se mostra, nesse contexto, como uma outra janela, o qual se apresenta como potência de compartilhamento de sentimentos e de vivências. Além disso, como a rede social digital é frequentemente utilizada pelos jovens, o educador pode dispor de uma maior adesão dos alunos, caso deseje incorporá-la em projetos derivados da atividade principal ofertada pela nossa oficina. Para além dessa ferramenta específica, o

⁹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CTxxtWkAPkP/>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

educador pode descobrir novas possibilidades em outros recursos *online*, já que poderá repensar, a partir dessa experiência, sobre as coisas e seus usos.

4 Considerações finais

A oficina proposta, *Objetos na janela: construção poética ressignificando o cotidiano na pandemia com o uso de ferramentas virtuais*, presenteou os participantes com um momento ímpar para parar, ouvir e, conseqüentemente, refletir sobre aquilo que nos acometeu, junto à pandemia. Desde a escolha do objeto, ressignificado durante o longo tempo de isolamento; a aproximação com os poemas de *Cada Coisa*; a troca visual entre os envolvidos; a forma como as pessoas compartilharam suas vivências, a partir desses objetos; enfim, toda a jornada experienciada que culminou na maneira como “cada coisa” ganhou espaço no grupo e no olhar das pessoas, foi planejada, a fim de que se pudesse transformar a ação – normalmente experimentada no presencial – em uma (re)ação.

Essa experiência só se tornou possível porque houve comprometimento dos envolvidos em fazer parte desse projeto. Desde o primeiro contato estabelecido entre os proponentes e os inscitos, foi oferecido um ambiente de acolhimento e de proximidade, o qual resultou na efetiva participação de todos durante a atividade. Percebemos que o compartilhamento de ideias e histórias ocorreu porque o grupo já estava à vontade para dividir suas impressões, as quais se entrelaçariam com outras narrativas e com outros objetos. A forma como nos colocamos ao lado dos ouvintes, e não acima, gerou um clima de confiança que desencadeou a escuta ativa, pois “escutamos o modo como os outros escutam” (BAJOUR, 2012, p. 73).

Outra questão relevante trazida durante a oficina foi a reflexão acerca da tecnologia e dos novos sentidos que podem ser atribuídos às ferramentas digitais. Embora o meio digital possa parecer, à primeira vista, um ambiente menos caloroso e convidativo devido ao relacionamento intermediado pelas telas, não devemos esquecer que muitas atividades educacionais e, inclusive a própria oficina ministrada, só são possíveis devido a esse mecanismo. O que procuramos repensar no contexto virtual foi em como ressignificar esses recursos, utilizando-os a favor de uma experiência que impacte positivamente para o compartilhamento de nossas diferentes visões de mundo, agregando valor aos sentidos produzidos.

O “estar junto”, com o apoio da tecnologia, trouxe à oficina o que nós, como proponentes, mais desejávamos: um fazer poético através dos poemas e das falas interiores de cada um. Creditamos poder à escuta, assim como também à palavra, compreendendo que esses mecanismos são criadores da realidade e dos sentidos que a subjetivam, tal qual afirma Larrosa (2020) quando diz:

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso. (LARROSA, 2002, p. 20).

Assim, acreditando na potência existente na palavra e nos encontros entre as pessoas, foi possível, de fato, (con)viver com elas. As palavras de Eucanaã Ferraz foram seguidas por outras, originadas de leitores e ouvintes atentos aos seus detalhes. O momento vivido durante e através da oficina ressignificou não só os objetos escolhidos por cada um, mas também as vozes dos participantes, a vontade de estar junto com o outro e os próprios poemas escolhidos da obra *Cada Coisa*. Dessa forma, a teoria de se fazer oficina tornou-se prática potente e permanente, porque o que nos passa, segundo Larrosa (2020), é o que fica. A oficina passou por esses corpos e por essas vozes, e permaneceu.

Referências

BAJOUR, Cecilia. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura. Tradução. Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

DAL MOLIN, Beatriz Helena. **Do tear à tela: uma tessitura de linguagens e sentidos para o processo de aprendizagem**. 2003. 214 f. Tese (Pós-Graduação em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Disponível em: <<file:///C:/Users/paulo/AppData/Local/Temp/199829.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

FERRAZ, Eucanaã. **Cada coisa**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016.

GREMSKI, João Felipe. **Um estudo da obra poética de Eucanaã Ferraz**. 2016. 170 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/42522>>. Acesso em: 23 jan. 2022.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução: Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. FONTANA, Niura Maria. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 4, n. 2, p. 77-88, 2009. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/16/15>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

VALÉRY, Paul. Primeira aula do curso de Poética. In: _____. **Variedades**. Tradução Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 2011.